

A relação dos alunos de pós-graduação da UFRGS com o campo científico e suas expectativas, numa perspectiva de gênero

Tania Steren dos Santos
Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul

Introdução

Nesta pesquisa analisa-se a inserção dos estudantes de pós-graduação no campo científico, avaliando peculiaridades femininas e masculinas decorrentes da problemática de gênero. A elucidação da sua situação possibilita observar tendências na inserção das novas gerações no campo científico. Alguns dos aspectos focalizados são os seguintes: a inserção de ambos os gêneros nas diversas áreas do conhecimento, o acesso a bolsas, a participação em eventos e a produção científica. São caracterizadas, ademais, as diferentes formas de estudo e atualização, especificando suas propostas para melhorar o curso que estão realizando, na busca de uma melhor qualificação. São apresentados também dados sobre as atividades que os alunos exerciam antes de iniciar o curso de pós-graduação e o interesse em realizar doutorado sanduíche, mencionando seus planos para depois de terminar sua formação.

O foco principal deste estudo está centrado nas seguintes indagações: existe nos estudantes de pós-graduação da UFRGS um perfil diferenciado segundo o gênero? Qual é a inserção dos alunos do sexo feminino, comparativamente aos alunos do sexo masculino, nas diversas áreas do conhecimento científico? Que aspectos se destacam ao compararem-se expectativas masculinas e femininas em relação à sua vida profissional, após a conclusão do curso de pós-graduação?

Parte-se do pressuposto de que o gênero cada vez influencia menos na escolha das áreas do conhecimento nas quais se inserem os estudantes de pós-graduação. Embora existam variações na forma como se configuram suas atividades científicas, estratégias de qualificação e expectativas, a tendência atual é de maior equidade de gênero e oportunidades para as mulheres no campo científico.

Através do método comparativo, incorporado na perspectiva de gênero, podemos apreender a realidade e o discurso de homens e mulheres, enfatizando as especificidades do universo feminino no campo científico, suas dificuldades e desafios. É importante avaliar se estão ocorrendo transformações na atuação das mulheres no campo científico decorrentes do processo de feminização de inúmeras áreas do conhecimento.

Tomaram-se como base, nos procedimentos metodológicos, dados quantitativos provenientes de uma amostra total de 921 alunos de pós-graduação (589 mestrandos e 332

doutorandos), dos alunos de pós-graduação da UFRGS.¹ O banco de dados, em SPSS, está disponível atualmente para ser utilizado pelos pesquisadores e o acesso possibilitou que realizássemos outros cruzamentos de variáveis, com recorte de gênero. Também se apresentam dados quantitativos e qualitativos que coletamos no hospital universitário HCPA, Hospital de Clínicas de Porto Alegre, focalizando a realidade e representações dos médicos residentes.² A medicina foi escolhida como estudo de caso, pois se constata uma crescente feminização³ da área nos últimos anos no Brasil.

Considerando a participação feminina, em nível internacional, dados da UNESCO mostram que o avanço das mulheres no campo científico e tecnológico ocorre de forma mais lenta, pois somente um terço atua nessas áreas (POLCUCH, 2008). O Grupo de Helsinque foi criado pela Comissão Européia com o objetivo promover o “debate sobre a problemática das mulheres na ciência, colocando esta temática na agenda da discussão e decisão política. Este grupo é constituído por representantes nacionais responsáveis pelo tratamento destas questões em cada país”⁴.

No caso do Brasil, as transformações parecem estar ocorrendo de forma mais acelerada. Para ver dados relativos as transformações na década de 90 consultar o diagnóstico realizado por Hildete P. Melo e Helena M. M. Lastres (2004), como contribuição do Brasil ao Projeto Ibero-americano de Ciência, Tecnologia y Género (GENTEC). Já o artigo de Mariana Galiza, representando a Assessoria de Imprensa do CNPq, evidencia a preocupação da instituição com a questão de gênero: *Mulheres na pesquisa: uma realidade* (2006).

É importante propiciar uma melhor visibilidade da situação das mulheres no campo científico, focalizando sua formação em nível de mestrado e doutorado, propiciando reflexões sobre os fatores favoráveis a uma maior equidade de gênero no meio acadêmico. Os resultados podem contribuir para ampliar a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, valorizando o potencial feminino para a pesquisa e produção científica.

¹ Este levantamento de dados foi solicitado pela Pró-Reitoria de Ensino e Pró-Reitoria Adjunta de Graduação da UFRGS a uma equipe de professores do Departamento de Sociologia, Gehlen I.; Soares, S.; Rosenfield, C. e os resultados foram publicados pela Editora da UFRGS (PERFIL, 2003).

² A Residência Médica é considerada uma atividade de Pós-Graduação *Lato Sensu*. “Foi instituída pelo Decreto nº 80.281, de 05 de setembro de 1977 e constitui uma modalidade de ensino de pós-graduação destinada a médicos, sob a forma de curso de especialização, funcionando em Instituições de Saúde [...]” <http://portal.mec.gov.br/sesu/index.php?option=content&task=category§ionid=6&id=101&Itemid=297>. Acesso: 16.maio.2008.

³ Dados para todo o país publicado pela Conselho Federal de Medicina em 2004 confirmam essa tendência. Também o Conselho Regional de Medicina de São Paulo, CREMESP, apresenta no seu site resultados da pesquisa: *Perfil do Médico* (2007, p.2), afirmando que: “entre os formandos inscritos em 2006, mulheres são maioria pela primeira vez”.

⁴ Disponível: <http://ec.europa.eu/research/science-society/index.cfm?fuseaction=public.topic&id=27>. Acesso em: maio 2008.

1 O campo científico e a questão de gênero

Entre os trabalhos pioneiros na década de 80 e início dos anos 90 relacionando gênero e ciência encontram-se pesquisas sobre a mulher na universidade, em períodos nos quais as desigualdades de gênero eram muito acentuadas⁵. Em 1997 a obra coordenada por Aguiar propicia uma interessante reflexão sobre epistemologia e conhecimento científico, na perspectiva das mulheres. Da mesma forma, a publicação de Montecino e Obach (1999) apresenta contribuições importantes sobre o campo científico em diversas universidades de América Latina, com abordagem de gênero⁶. O trabalho posterior de Bonder (2004), diretora da Cátedra Unesco, em Buenos Aires, possibilita avanços significativos no conhecimento da temática gênero, ciência e tecnologia e nas ações práticas.

Bourdieu apresentam elementos teóricos para pensarmos a questão da ciência e também a problemática de gênero⁷. Um conceito relevante do pensamento do autor para analisar-se a questão do campo científico é o de capital, e sua posse incide positivamente na melhor inserção no meio acadêmico, especialmente na obtenção de bolsas e recursos para implementar projetos. O autor considera que o trabalho científico pressupõe um processo contínuo de acumulação de capital e define o capital cultural como o capital escolar, que inclui titulação, qualificação, etc. (BOURDIEU, 1989, p.131).

Conforme assinala Bourdieu, aqueles que se dedicam ao trabalho científico atuam como criadores, divulgadores ou na aplicação prática do conhecimento científico gerado nos institutos e centros de investigação. O autor caracteriza este campo da seguinte forma:

O campo científico, enquanto sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores), é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da *autoridade científica* definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou, se quisermos, o monopólio da *competência científica*, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado (BOURDIEU, 1989, p. 122).

Bourdieu considera também que todas as práticas dos agentes nesse campo estão orientadas no sentido da autoridade científica, através da busca constante de “prestígio, reconhecimento e celebridade”, onde a ostentação de títulos e distinções científicas adquire

⁵ Entre as referências desse período estão Silva (1987), Tosi (1991) e Trigo (1994).

⁶ A obra intitulada *Gênero y epistemologia: mujeres y disciplinas* foi publicada com o patrocínio da UNICEF e o Programa Interdisciplinário de Estudios de Género, da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade do Chile.

⁷ Bourdieu analisa a questão de gênero na sua obra *A dominação masculina* (1999). Sua teoria foi analisada por Almeida (1997) e (1999) e LINS (1998).

um papel fundamental. Menciona ademais que “os julgamentos sobre a capacidade científica de um estudante ou de um pesquisador estão sempre contaminados, no transcurso de sua carreira, pelo conhecimento da posição que ele ocupa nas hierarquias instituídas (BOURDIEU, 1983, p. 124)”.

Atualmente existem indicadores mais objetivos para avaliar a competência de um pesquisador do que o “prestígio”, como salientava Bourdieu em 1983, embora este aspecto continue sendo importante na relação inter-pares na comunidade acadêmica. O próprio autor apresenta reflexões novas em uma das últimas obras publicadas no Brasil, *Os usos da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. Ele apresenta uma teoria sobre “as duas espécies de capital científico”, explicando que elas correspondem a duas formas diferentes, mas relacionadas, de poder: de um lado o poder institucionalizado e a ocupação de posições importantes na hierarquia científica e, de outro, o poder decorrente do prestígio pessoal concedido pelo reconhecimento dos pares. O autor denomina o primeiro caso de poder “temporal ou político” e menciona outros indicadores além da posição: “direção de laboratórios ou departamentos, pertencimentos a comissões, comitês de avaliação etc., e ao poder sobre os meios de produção (contratos, créditos, postos, etc.) e de reprodução (poder de nomear e de fazer as carreiras) que ele assegura” (BOURDIEU, 2004, p. 35).

Estes parecem ser indicadores mais objetivos da competência dos cientistas do que o prestígio. Acrescente-se que em sites especializados na internet temos acesso a índices de produtividade científica e a grande parte das publicações dos pesquisadores⁸. Cada vez mais este tipo de indicadores adquirem relevância na avaliação do trabalho científico, em nível nacional e internacional.

É necessário destacar que o Brasil é um dos países onde existem condições muito favoráveis para a realização de pesquisas científicas. A CAPES e o CNPq tem investido constante e crescentemente na formação em nível de mestrado e doutorado e na qualificação dos científicos do país, através da concessão de diversas modalidades de bolsas, recursos para pesquisas e divulgação do conhecimento científico. O Brasil se encontra entre os países com melhor ranking mundial, 11º lugar, na lista dos que mais desenvolvem projetos de pesquisa⁹. Os estudantes de pós-graduação, em processo de maior profissionalização, procuram acumular capital científico, definido como uma espécie particular de capital social: “a carreira científica ‘bem-sucedida’ torna-se um processo contínuo de acumulação no qual o capital

⁸ Consultar o **ScienceDirect**: www.sciencedirect.com ; **ISI WEB OF KNOWLEDGE** e **SCOPUS**, com acesso através do PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES.

⁹ Sobre o ranking ver LUDWIG (2008), que utiliza a seguinte fonte no seu artigo: <http://www.thescientist.com/article/display/53800> .

inicial, representado pelo título escolar, tem um papel determinante” (BOURDIEU, 1983, p. 131). Esse processo se expande, ademais, nos estudantes de pós-graduação já inseridos no mercado de trabalho, através do acesso a cargos mais valorizados.

As mulheres estão expandindo cada vez mais sua atuação no campo científico. Dados da CAPES, para todo o país, sobre financiamentos de Projetos de Pesquisa, indicam que as mulheres (44,07%) já estão com percentagem um pouco mais elevada do que os homens (42,22%). Na obtenção de bolsas no país também as mulheres estão em maior número nos cursos de mestrado e doutorado:

Tabela 1 - Número de bolsistas, segundo nível de treinamento e gênero

BOLSISTAS CAPES – País				
Gênero	Mestrado	Doutorado	Recém-Doutor	TOTAL
Não cadastrado	77	30		107
Feminino	14.218	8.152	327	22.697
Masculino	11.597	6.768	302	18.667
TOTAL	25.892	14.950	629	41.471

Fonte: CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2007

No caso das bolsas do CNPq existe um crescente avanço das mulheres:

Tabela 2 - Distribuição dos estudantes por gênero e nível de treinamento – 2000-2006

Nível de treinamento	2000		2002		2004		2006	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
Doutorado	6560	6333	7033	7554	7836	8750	9141	10894
Mestrado	9829	10746	8420	10318	8859	11159	10445	13695
Esp./Aperf/G.	10461	14556	11945	16556	16927	22793	17876	25222
Outros	71	107	11	7	10484	13367	16062	21862
TOTAL	26921	31742	27409	34435	44106	56069	53524	71673

Fonte: CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 2006

Os dados da tabela, se observados em detalhe, evidenciam uma expansão feminina extraordinária nos últimos anos, em especial a partir de 2002. Se compararmos a diferença entre homens e mulheres inseridos na pós-graduação, temos que somente no doutorado, no ano 2000, haviam 227 alunos do sexo masculino a mais do que os do sexo feminino. Em todos os outros anos as mulheres são maioria e a tendência é crescente a cada ano. No doutorado, a partir do ano 2002, verificam-se as seguintes diferenças: mais 914 mulheres do

que homens no ano 2004 e mais 1753 em 2006. Nos cursos de mestrado a diferença é de 2300 mulheres a mais no ano 2004 e 3250 em 2006. O aumento é maior ainda nos cursos de especialização e aperfeiçoamento: uma diferença de 5866 mulheres a mais em 2004 e 7346 em 2006.

As mulheres estão avançando no campo científico e tecnológico, ampliando sua participação na vida acadêmica. A realidade apresentada por Tabak (2002), num capítulo intitulado “*A baixa participação das mulheres na ciência*”, da sua obra *O Laboratório de Pandora: estudos sobre a ciência no feminino* está em processo de mudança acelerada. Atualmente não parece adequado caracterizar o trabalho das mulheres na ciência como “baixa participação”, embora em alguns espaços tradicionalmente masculinos as mudanças sejam mais lentas, como nas engenharias, ciências exatas e da terra, nas quais os homens estão em maior número, como será explicitado melhor posteriormente.

Na relação das mulheres com as estruturas de poder e com a tecnologia, apesar de avanços, ainda observam-se alguns obstáculos, os quais se manifestam através de estigmas e preconceitos e as pesquisas de Rocha (2006) problematizam as dificuldades das mulheres para ocupar espaços decisórios, em artigo intitulado *Género en acción: rompiendo el “tejado de vidrio”... surgiendo nuevas identidades?* Essa expressão indica os empecilhos existentes para as mulheres atingir o topo da carreira e ocupar cargos de comando. No entanto, a autora salienta a emergência de condições mais favoráveis à valorização do trabalho feminino.

2 Características dos estudantes de pós-graduação da UFRGS, na perspectiva de gênero

Comparando-se o perfil dos alunos de ambos os gêneros de cursos de pós-graduação da UFRGS observa-se, no que se refere ao estado civil, que entre o total de homens, 39% são casados enquanto que nas mulheres a percentagem é de 41%. Sobre a condição de moradia, do total da amostra de 921 estudantes, 39% moram com companheiro (a), 20% sozinhos e 9% com os pais (os demais indicaram outro tipo de resposta).

O tipo de atividade que os estudantes de pós-graduação exerciam até iniciar o curso pode-se observar no gráfico a seguir:

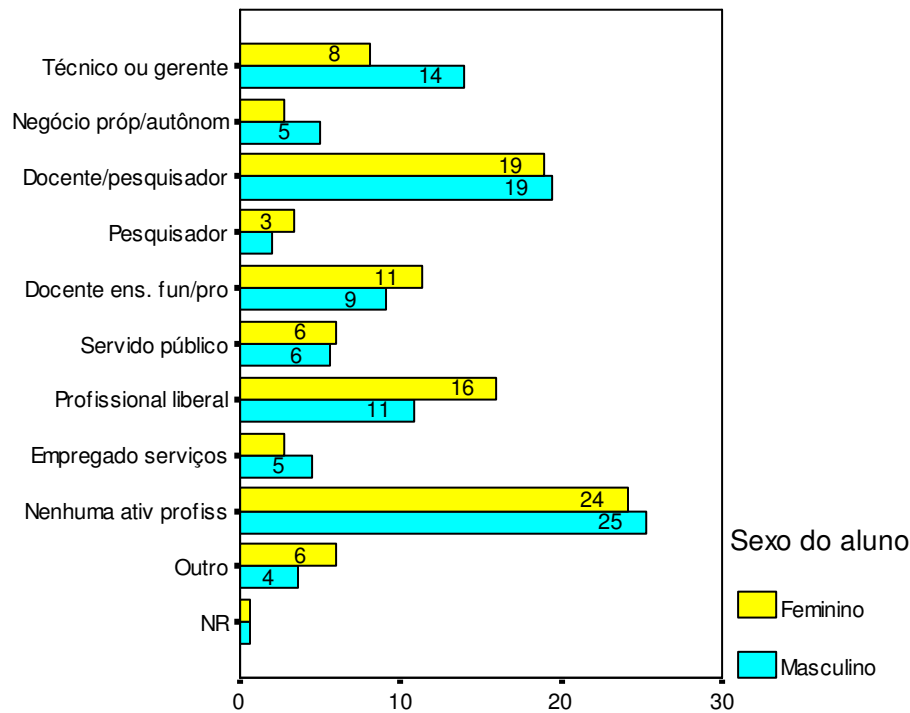


Figura 1 - Tipo de atividade dos alunos até iniciar o curso segundo gênero/ dados em percentagens

Fonte: Elaboração própria a partir do banco de dados da PROGRAD/UFRGS, 2003

Na perspectiva de gênero, destaca-se que do total dos estudantes do sexo feminino e masculino que não exerciam nenhuma atividade, 25% eram homens e 24% mulheres. Um número igual se dedicava à docência e pesquisa (19%) enquanto, entre os profissionais liberais, a percentagem de mulheres (16%) é um pouco mais elevada do que a dos homens (11%). Entre os docentes de ensino fundamental e em profissões liberais, encontra-se um número mais elevado de mulheres e entre os que se dedicam a atividades técnicas¹⁰ ou gerenciais é maior o número de homens, assim como no trabalho autônomo ou de serviços.

No que se refere à fonte da renda dos estudantes de pós-graduação a maioria indicou que seus recursos provêm de bolsas de estudo ou de trabalho realizado em tempo integral. Aqueles que trabalham esporadicamente estão em menor número. A percentagem dos que somente estudam, com ajuda de terceiros, também é muito baixa.

No número de bolsas concedidas pelo CNPq para os estudantes de pós-graduação da UFRGS, observa-se um certo equilíbrio entre homens e mulheres:

¹⁰ A temática gênero & tecnologia tem sido focalizada em diversas pesquisas científicas, com importantes avanços teóricos e práticos. Destacamos a obra organizada por Carvalho e Tamanini (2006), intitulada *Diversidade cultural, gênero y tecnologia: um abordaje interdisciplinario*. Também é importante registrar os trabalhos vinculados à Cátedra Unesco/ONU, em Buenos Aires, principalmente a contribuição de Bonder (2002), publicada pela CEPAL, *Las nuevas tecnologías de información y las mujeres: reflexiones necesarias*.

Tabela 3 - Bolsas do CNPq na UFRGS, no período 2001 a 2007, segundo gênero

BOLSAS CNPq - UFRGS	FEMININO	MASCULINO
MESTRADO	1531	1614
DOUTORADO	1788	1721
TOTAL	3319	3335

Fonte: Elaboração própria – informações do CNPq de 2007/dados brutos

Lembre-se que, em nível nacional, o avanço feminino é mais significativo. É interessante destacar também que na UFRGS, ao contrário do mencionado equilíbrio nas bolsas do CNPq destinadas a alunos de mestrado e doutorado, de ambos sexos, quando se trata de bolsas Produtividade em Pesquisa, para pesquisadores da instituição¹¹, existe disparidade de gênero: os homens estão em maior proporção nesta modalidade. Analisando-se o período de 2001 a 2007, encontram-se 1979 bolsas concedidas a homens e 1082 a mulheres. Analisando-se as mudanças no período, em 2001 as bolsas para as mulheres pesquisadoras da UFRGS eram 146 e para os homens 260. Em 2007 o total de bolsas para as mulheres é de 181 e para os homens 308. A diferença é muito elevada, pois os homens recebem 127 bolsas a mais do que as mulheres.

Algumas variáveis permitem visualizar a trajetória dos estudantes de pós-graduação. Indagados a respeito de se o curso de graduação tinha sido realizado em universidade pública existe alguma disparidade de gênero: as mulheres estão em menor número (62%) do que os homens (80%). No que se refere ao tipo de inserção em atividades científicas, durante o curso de graduação (iniciação científica, extensão ou monitoria), as percentagens são elevadas em ambos os gêneros: 76% dos homens e 73% das mulheres, sem diferenças significativas entre homens e mulheres. É importante salientar que dos alunos inseridos nestas atividades, somente 8,8% das mulheres e 6,2% dos homens trabalharam sem remuneração; todos os outros eram bolsistas. Portanto, muitos dos alunos que depois realizam a pós-graduação já tiveram experiências prévias de pesquisa durante a sua formação em nível de graduação.

¹¹ Os critérios estabelecidos pelo CNPq para concessão da bolsa Produtividade em Pesquisa são os seguintes: “Estar vinculado (a) a Programa de pós-graduação e/ou a grupo de pesquisa consolidado, constante do Diretório de Pesquisa do CNPq; ter produção acadêmica qualificada, especialmente nos últimos 5 (cinco) anos; ter capacidade de formação de pesquisadores, especialmente nos últimos 5 (cinco) anos; ter projeto de pesquisa qualificado, que venha a estar em execução ao longo do período de concessão da bolsa”. Disponível em: <http://www.cnpq.br/cas/ca-cs.htm#critérios>. Acesso em: 20. maio. 2008.

Com relação à inserção nas diversas áreas do conhecimento dos cursos de pós-graduação, os alunos estão distribuídos em áreas com características diferenciais de gênero¹²:

Área 1- Ciências Exatas;
 Área 2- Ciências Biológicas e da Saúde
 Área 3- Ciências Humanas

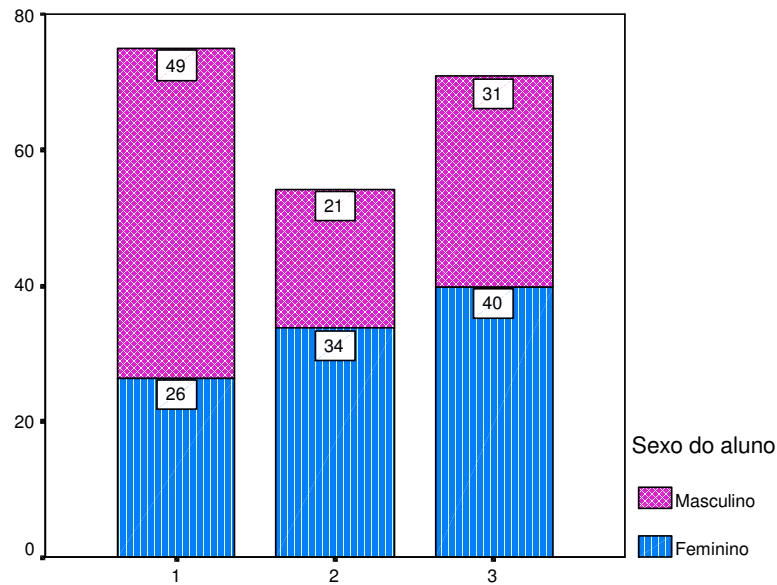


Figura 2 - Área do conhecimento do curso de pós-graduação, segundo gênero/ dados em percentagens
 Fonte: Elaboração própria a partir do banco de dados da PROGRAD/UFRGS, 2003.

As mulheres são maioria em profissões relacionadas à saúde e cuidado ou a áreas das ciências humanas. Nas ciências biológicas e da saúde sua presença também é maior. A maioria dos homens se concentra na área das ciências exatas e da terra (49%) e nesta a presença feminina é menor (26%). Os dados da UFRGS são semelhantes à tendência para todo o Brasil (informações do CNPq, 2006): as mulheres são maioria nas ciências biológicas e da saúde, artes, letras, lingüística, ciências humanas e algumas ciências sociais aplicadas. São minoria nas ciências exatas, da terra e engenharias

Em áreas onde a predominância masculina ainda é marcante, existem maiores obstáculos para a sua atuação no campo científico e tecnológico. No entanto, observa-se um crescente processo de feminização caracterizado pela expansão de matrículas de mulheres em inúmeras áreas do conhecimento consideradas tradicionalmente reduto quase exclusivo dos homens.

¹² Sobre a questão de se o curso que estão freqüentando encontra-se na mesma área que o curso de graduação 76% das mulheres e 79% dos homens responderam afirmativamente.

Um interessante gráfico mostra as transformações da presença feminina por área, no Brasil, no período de 1997 até 2005, conforme indica abaixo a figura 3:

Gráfico 4
Evolução da Participação Feminina na Produção Científica por Área do Conhecimento (%)

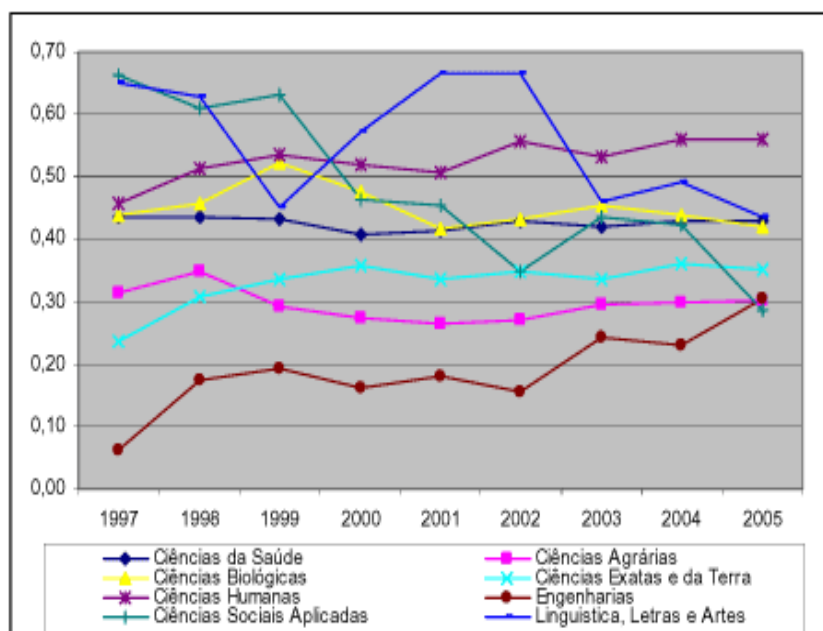


Figura 3 / Fonte: MELO, Hildete P. de; OLIVEIRA, André B (2006)

As percentagens elevadas de mulheres produzindo conhecimento científico nas ciências humanas, biológicas e da saúde deve ser destacado. O dado mais relevante é a tendência à elevação da produção científica das mulheres nas engenharias, embora seja uma das áreas de menor presença feminina, assim como a área das ciências agrárias. Observe-se que ocorre uma certa diminuição na lingüística, letras e artes e também nas ciências sociais aplicadas, a partir de 2002, embora estas áreas possam ser consideradas como de importante presença feminina, comparativamente às outras. Outro dado interessante a ser registrado é uma certa tendência a diminuição na área das ciências sociais aplicadas, aspecto que poderia ser melhor explorado em pesquisas futuras.

3 A titulação na Medicina: o caso do HCPA de Porto Alegre

Tomando-se o caso do HCPA, foi analisada na área médica a titulação de acordo com algumas faixas etárias e o gênero:

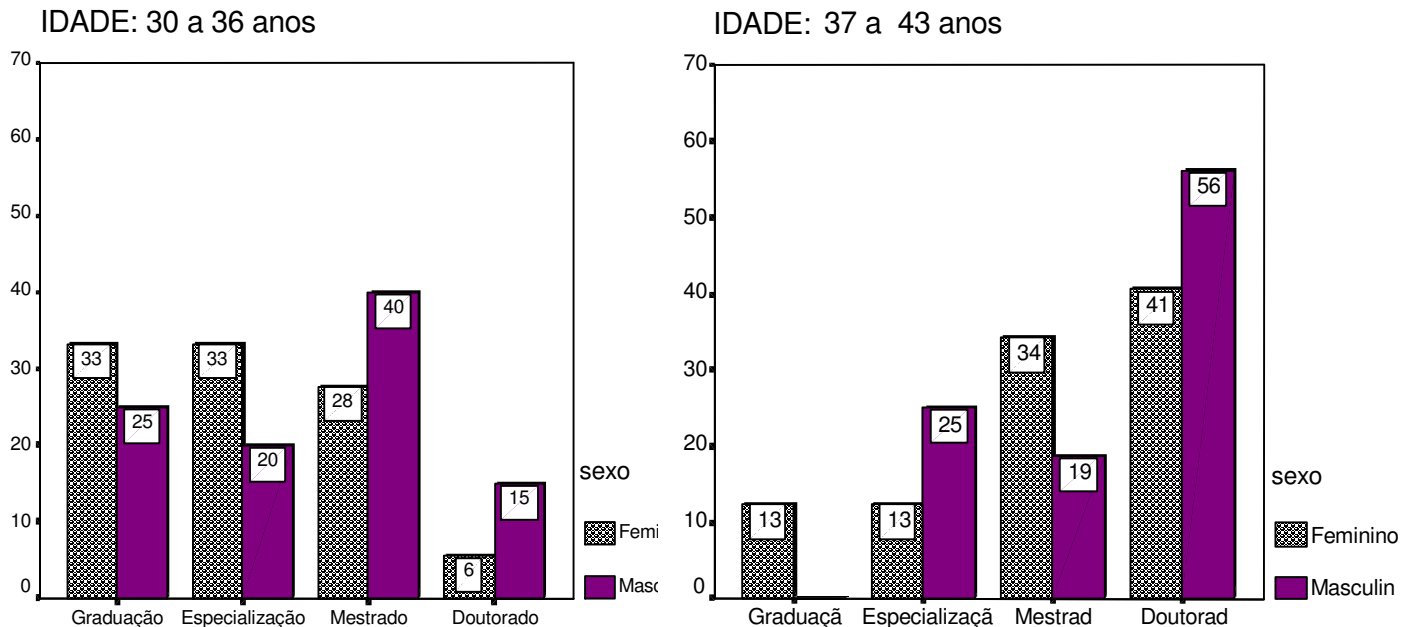


Figura 4: Titulação segundo a idade dos médicos que trabalham no HCPA segundo gênero

Fonte: SANTOS, Carreira profissional e gênero na Medicina, 2002. Dados em percentagens

No período dos 30 a 36 anos se situam as experiências iniciais nas quais os jovens médicos buscam definir um espaço próprio de atuação. Nesses anos existe uma maior dedicação das mulheres à maternidade e isto explica uma maior dificuldade dedicar ao estudo. A proporção de mulheres que obtém o título de mestrado é menor do que o dos homens nesse período (28% e 40% respectivamente). A etapa dos 37 aos 43 anos, quando possivelmente os filhos já estão com um pouco mais de idade, observe-se que as mulheres podem se dedicar de forma mais intensa à obtenção do seu título de mestre ou doutor. Todos estes dados indicam um certo “atraso” na carreira das mulheres em relação à dos homens, especialmente no período dos 30 a 36 anos, quando grande parte das que estão casadas estão mais envolvidas com encargos domésticos.

Os dados da pesquisa indicam que as mulheres procuram ter filhos mais tardiamente quando estão realizando cursos de pós-graduação. As que estão com filhos menores tendem a diminuir o seu ritmo de estudo nesse período mas depois retomam, com renovado ímpeto, as suas atividades quando as incumbências familiares são menores. Nesse retorno buscam maior

qualificação e titulação, acelerando sua produção intelectual e participando mais ativamente de eventos científicos.

Os cursos de pós-graduação desempenham um papel importante na formação dos estudantes: transmitem o conhecimento técnico-científico através da qual os alunos vão desenvolvendo disposições adquiridas ou *habitus*, na linguagem bourdiana, necessários ao adequado desempenho das suas atividades profissionais¹³.

Com relação o tema da titulação no meio acadêmico existem opiniões controversas. Alguns consideram que ela é fundamental, ao propiciar uma maior qualificação profissional, enquanto outros criticam a extrema valorização dos títulos, que se observa nos últimos tempos, porque isto pode acabar gerando resultados paradoxais.

Uma professora da FAMED, Faculdade de Medicina de Porto Alegre, explica que, para a área da Clínica Geral, por exemplo, “a corrida atrás dos títulos de pós-graduação tem se tornado um problema”, na medida em que esse tipo de exigência, para poder qualificar mais a trajetória profissional e participar dos concursos, faz com que a maioria dos jovens procure prontamente concluir seu mestrado ou doutorado mas, salienta que, isto acaba esvaziando essa área e provocando o deslocamento dos alunos em direção às diversas especialidades. O resultado é a carência de pessoal disponível para atuar nos ambulatórios do HCPA, Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

Outro médico da FAMED, também questionando a supervalorização da titulação, relata que teve um desentendimento com uma Associação Médica e não concorda com algumas imposições e normas estabelecidas quanto à titulação (embora ele já tenha concluído seu doutorado). Seu depoimento é o seguinte: “eles isolam as pessoas, mesmo competentes, não existe respeito!; eles formaram-se e agora estão no poder!. É a mesma coisa se eu chegasse aqui e dissesse: ‘eu quero inovar, o meu professor me ensinou a operar’ e eles respondessem: ‘cadê o doutorado, e o título de doutorado?!’” É interessante sublinhar, no entanto, que as exigências de titulação constituem um estímulo à qualificação profissional. A educação na pós-graduação, possibilita uma maior competência técnica e científica e contribui para o desenvolvimento da produtividade acadêmica.

Os diplomas de mestres e doutores são fundamentais na procura por maior qualificação e a possibilidade de poder realizar alguma formação no exterior. A titulação

¹³ No caso dos professores do ensino superior, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, promulgada em 20 de dezembro de 1996, especifica que a formação para a docência requer “prioritariamente” o diploma de mestre ou doutor. Portanto a formação em nível de pós-graduação tornou-se um requisito fundamental para o exercício profissional.

torna-se um capital de elevado valor, não somente no campo científico mas também no cultural, social e econômico. Os estudantes buscam uma melhor qualificação profissional através da titulação, produção científica e participação em eventos.

Os diversos cursos são responsáveis pela transmissão do saber teórico e prático e cada vez mais se observa uma adequação dos currículos a uma formação mais direcionada às necessidades do mercado de trabalho, como confirma uma pesquisa realizada por Monika Zulauf (2006) na London School of Economics and Political Science, intitulado *Ensino superior e desenvolvimento de habilidades para a empregabilidade: explorando a visão dos estudantes*.

Na UFRGS observa-se tendência semelhante à apresentada pela pesquisadora para o caso inglês, pois a adequação da formação profissional às necessidades do mercado de trabalho é frequentemente debatido em cursos de graduação e pós-graduação e incorporado em seus currículos e programas.

4 Estratégias de qualificação dos alunos de pós-graduação da UFRGS

Atualmente a valorização da produção científica ocorre em todas as áreas acadêmicas. Além do interesse pessoal dos estudantes em demonstrar experiência e competência, para terem acesso ao mercado de trabalho em condições mais vantajosas, existe uma política de incentivo institucional nas universidades, buscando a excelência no ensino, pesquisa e extensão¹⁴. Assim como a titulação, o número de publicações, através de revistas e editoras consagradas, conferem um status elevado aos pesquisadores.

Observa-se uma crescente preocupação dos professores e estudantes, no ensino superior, com o aumento da sua produtividade científica e a construção de um currículo de qualidade. Procuram adquirir notoriedade e divulgar seu trabalho científico através de revistas conceituadas, tanto em nível nacional quanto internacional. Os critérios de valorização das publicações são estabelecidos de acordo com a qualidade da revista científica. A CAPES classifica em QUALIS A, B, C, com abrangência regional, nacional ou internacional. No ensino de pós-graduação a publicação é cada vez mais valorizada, como parte da formação dos estudantes, assim como a prática didática em sala de aula. Eles investem muito tempo e esforço na sua qualificação profissional, dando uma atenção especial à construção de uma

¹⁴ É necessário lembrar que alguns órgãos do Estado, como a CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação, promovem processos de avaliação dos cursos de pós-graduação, atribuindo notas de acordo com a produtividade dos professores, entre outros indicadores.

trajetória diferenciada.

Os estudantes de pós-graduação de todas as áreas precisam de constantes atualizações dos seus conhecimentos teóricos e práticos para acompanhar o ritmo das mudanças em curso. A explosão de informações, através da Internet, publicações especializadas e encontros científicos é muito intensa e isto exige maiores esforços para incorporar os conhecimentos necessários a um bom desempenho profissional.

Tomando-se o caso dos médicos e médicas inseridos em programas de Residência no HCPA, temos os seguintes dados relativos a publicações em revistas da sua área: na categoria de uma a três publicações encontram-se maior número de mulheres do que de homens, assim como na faixa de 4 a 8 publicações. A diferença maior ocorre entre os que publicam um número elevado de artigos nas revistas científicas, pois enquanto 43 % dos estudantes do sexo masculino afirmaram que publicam 9 ou mais artigos somente 5 % das mulheres estão nesta categoria de resposta. Mesmo que as taxas em ambos os gêneros sejam mais próximas, quando se trata de um número menor ou médio de publicações em revistas científicas, existe uma tendência a que os homens tenham índices mais elevados. No entanto, quando se trata de livros a produtividade feminina parece ser maior, pois 43% responderam que publicaram três ou mais livros, no período indicado, enquanto que nos homens a percentagem é de 24%. Estes dados podem ser observados no gráfico a seguir:

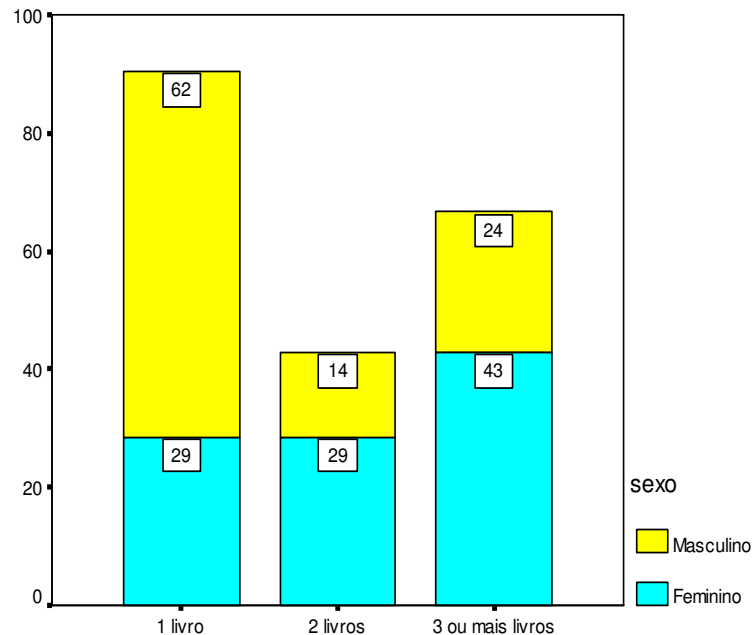


Figura 5 - Publicações de livros, segundo gênero – Dados em percentagens
Fonte: SANTOS, Carreira profissional e gênero na Medicina, 2002.
Obs.: Os dados referem-se ao número de publicações nos últimos 5 anos

A seguir serão analisados os dados da amostra de estudantes de pós-graduação da UFRGS sobre sua participação em eventos científicos e cursos de atualização teórica e/ou prática, novamente em perspectiva de gênero. Verifica-se que um número considerável participa “frequentemente” ou “raramente”. Neste tipo de atividade os que afirmaram que participam “frequentemente” são 47% das mulheres e 44% dos homens.

Sobre as “formas de estudo”, analisando-se o conjunto da amostra dos alunos de pós-graduação, observa-se que a maioria (80%), costuma estudar individualmente na sua residência, 8% individualmente em outro lugar, 7% no local de trabalho, 3% em grupos de estudo e 2% em bibliotecas.

Foi comparada também a preferência dos alunos de ambos os gêneros em relação aos “meios que utilizam para estudar”: a maior proporção respondeu que preferem os livros e os artigos ou periódicos científicos e a utilização da internet, sem diferenças significativas de gênero. A utilização dos arquivos ou centros de documentação, assim como os laboratórios teve percentagens muito baixas na preferência dos alunos.

No que diz respeito às “formas de atualização” de maior preferência, observa-se que a grande maioria, em ambos os gêneros, prefere os livros e revistas, com maior percentagem de homens (80 %) do que de mulheres (69%), segue-se a participação em eventos científicos com mais mulheres (44%) do que homens (37%) assinalando esta modalidade. Os dados sobre a preferência por treinamentos (22% das mulheres e 11% dos homens) e por cursos (31% das mulheres 0% dos homens) indicam diferenças de gênero importantes¹⁵. As mulheres parecem procurar mais que os homens estas modalidades para qualificar melhor sua formação acadêmica e os depoimentos em entrevistas qualitativas também confirmam essa tendência.

Em relação ao tempo dedicado ao estudo, os dados indicam que a maior proporção de alunos de pós-graduação da UFRGS estuda de 10 a 20 horas por semana (35% das mulheres e 32% dos homens). Chama a atenção que 30% dos homens afirmaram que estudam mais de 30 horas semanais. Nessa categoria de resposta encontra-se um número menor de mulheres (22%).). Observe-se a figura 6 a seguir:

¹⁵ O teste de associação Qui-quadrado, no caso dos cursos, é muito significativo: ($\chi^2= 12,856$; gl 1; p-value 0,000), mas na modalidade treinamentos não existe associação ($\chi^2= 1,329$; gl 1; p-value 0,249).

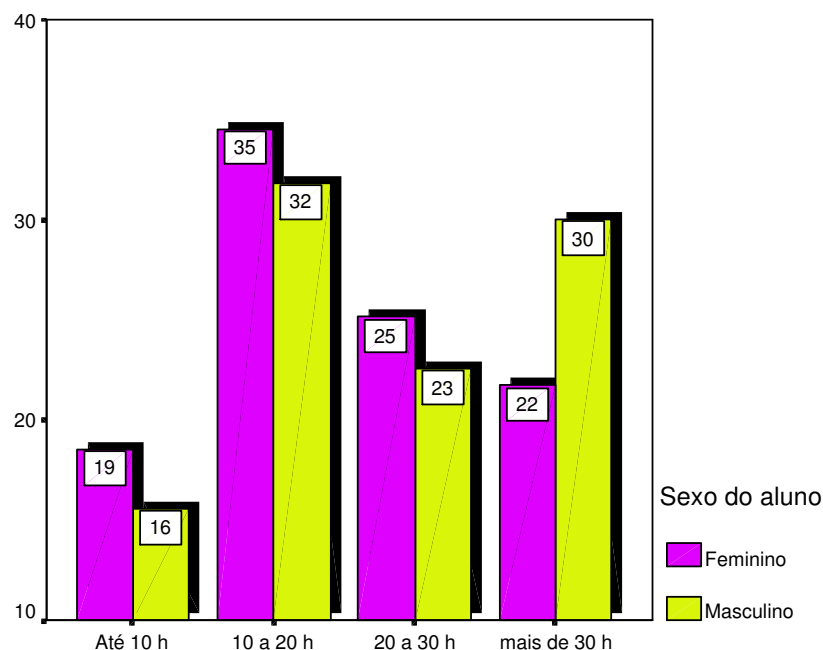


Figura 6 - Tempo dedicado ao estudo, segundo gênero/ dados em percentagens
Fonte: Elaboração própria a partir do banco de dados da PROGRAD/UFRGS, 2003.

Existem fatores mais favoráveis à formação acadêmica, que são os recursos financeiros e o tempo para estudar e realizar pesquisas. Nas mulheres o tempo despendido em tarefas fora da vida acadêmica é muito maior. Deve-se levar em consideração que existe uma diferença de gênero considerável no fator tempo. Nestas a dedicação a atividades na esfera privada é muito maior, como atestam diversas pesquisas em nível nacional. Os dados da *Pesquisa Inédita sobre as Mulheres do Brasil*¹⁶, por exemplo, confirmam que a principal responsável pelos afazeres domésticos, em todo o país, é a mulher. Um dado que evidencia acentuada disparidade de gênero é o tempo médio gasto pelas mulheres no cuidado dos filhos, pessoas idosas ou doentes. Elas gastam, em média, 40 horas semanais enquanto os parceiros não dedicam mais do que seis horas¹⁷.

Na divisão de tarefas entre os gêneros as mulheres atuam de forma mais diversificada, assumindo, no geral, mais incumbências do que os homens em todas as dimensões da vida social. Realizando um comparativo com a situação dos homens Tarrach (2003) manifesta a

¹⁶ Estes dados foram coletados pela Fundação Perseu Abramo/ Núcleo de Opinião Pública, durante o ano de 2001, com uma amostra de 2502 entrevistas pessoais e domiciliares com mulheres de 187 municípios de 24 estados das 5 micro-regiões brasileiras.

¹⁷ Sobre a temática específica do tempo gasto com atividades ligadas ao lar existem outras pesquisas empíricas que também demonstram uma maior sobrecarga nas mulheres. Maiores informações sobre esta questão estão num estudo pioneiro que André Michel realizou na França: *Aspectos cuantitativos de la producción doméstica no mercantil: el tiempo gastado* (1980). Em pesquisas mais atuais sobre a questão do tempo, na Espanha, Duran (2000) e no Uruguai Batthyány (2000), apresentam resultados semelhantes.

seguinte opinião: “así pues, opino que podría ser perfectamente correcto valorar más el currículo de una mujer con 50 artículos científicos y que ha dedicado una parte de su tiempo a tener hijos y a educarlos que el de un hombre con 60 artículos que há dedicado todo su tiempo tan solo a la investigación [...]”. (TARRACH, 2003, p. 2).

5 Trajetórias e expectativas dos estudantes de pós-graduação da UFRGS

Considerando a instituição onde os estudantes de pós-graduação obtiveram o diploma de graduação um maior número de estudantes do sexo masculino estudaram na UFRGS (46%) do que do sexo feminino (39%). Os homens estão em menor número (20%) nas universidades privadas do que as mulheres (39%).

As expectativas dos alunos de pós-graduação da UFRGS, em relação ao curso que escolheram podem ser analisados na tabela 4. Observe-se que aproximadamente 60% consideraram-se satisfeitos “plenamente” em suas expectativas, sem diferenças entre homens e mulheres. A maioria quase absoluta respondeu que suas expectativas estão se realizando de forma favorável (“plenamente” ou “parcialmente”). As percentagens dos que responderam que “não estão se realizando” foram muito baixas o que indica que, em geral, predomina a satisfação com a qualidade do ensino nos cursos de pós-graduação da instituição.

Tabela 4

		As expectativas que o levaram a escolher este Programa/curso, se realizaram ou estão se realizando				
		Plenamente	Parcialmente	Não estão se realizando	NS/NR	Total
Sexo do aluno	Feminino	287	177	4	1	469
		61,2%	37,7%	,9%	,2%	100,0%
	Masculino	262	171	5	5	443
		59,1%	38,6%	1,1%	1,1%	100,0%
	NR	5	4			9
		55,6%	44,4%			100,0%
Total		554	352	9	6	921
		60,2%	38,2%	1,0%	,7%	100,0%

Fonte: Elaboração própria a partir do banco de dados da PROGRAD/UFRGS, 2003

O motivo da insatisfação dos alunos de pós-graduação, entre os aproximadamente 38% que responderam “parcialmente”, pode ser inferido a partir das suas sugestões para aperfeiçoar o curso que estão realizando:

Tabela 5

Primeira prioridade para aperfeiçoar o curso que está realizando, segundo sexo

		Sexo do aluno			Total
		Feminino	Masculino	NR	
Reformular o currículo	Count	40	35		75
	% within Sexo do aluno	8,5%	7,9%		8,1%
Contratar docentes mais qualificados	Count	6	22		28
	% within Sexo do aluno	1,3%	5,0%		3,0%
Atualizar o acervo da biblioteca	Count	139	124	2	265
	% within Sexo do aluno	29,6%	28,0%	22,2%	28,8%
Ampliar a cooperação nacional e internacional do Programa	Count	116	92	1	209
	% within Sexo do aluno	24,7%	20,8%	11,1%	22,7%
Modernizar os laboratórios	Count	21	42	1	64
	% within Sexo do aluno	4,5%	9,5%	11,1%	6,9%
Melhorar a oferta de bolsas	Count	59	54	2	115
	% within Sexo do aluno	12,6%	12,2%	22,2%	12,5%
Disponer de mais recursos para a pesquisa de campo ou laboratório	Count	51	48	2	101
	% within Sexo do aluno	10,9%	10,8%	22,2%	11,0%
Outros	Count	26	16		42
	% within Sexo do aluno	5,5%	3,6%		4,6%
NS/NR	Count	11	10	1	22
	% within Sexo do aluno	2,3%	2,3%	11,1%	2,4%
Total	Count	469	443	9	921
	% within Sexo do aluno	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Elaboração própria a partir do banco de dados da PROGRAD/UFRGS, 2003

Os dados da tabela indicam que, de modo geral, há uma coincidência masculina e feminina ao apontar os problemas mais prioritários: percentagens mais elevadas encontram-se entre os que indicam o acervo das bibliotecas, em segundo lugar foi mencionada a necessidade de ampliação da cooperação nacional e internacional do programa, em terceiro lugar encontra-se a oferta de bolsas e em quarto lugar a necessidade de ampliação dos recursos para pesquisa de campo ou laboratório (nestes dois últimos sem diferenciação de gênero). Registre-se uma diferença interessante entre homens e mulheres (deve-se considerar como tendência, pois as percentagens não são muito significativas): as mulheres parecem mais preocupadas com a ampliação da cooperação, bibliotecas e currículos enquanto os

homens com mais recursos para pesquisas, manifestando-se mais críticos em relação à qualificação dos docentes.

Os alunos de pós-graduação da UFRGS foram indagados também sobre qual é seu principal projeto profissional após concluir o curso. As percentagens mais elevadas encontram-se entre aqueles que desejam trabalhar como professores, desenvolvendo atividades acadêmicas e de pesquisa científica. Existe uma tendência maior das mulheres preferirem este tipo de atividade (50%) em relação aos homens (44%). Trabalhar como técnicos ou gerentes em empresas públicas ou privadas teve percentagens insignificantes no conjunto da amostra. Este é um dado relevante pois indica uma preferência maior pelo trabalho docente e a o desenvolvimento de pesquisas científicas, sem diferenças significativas de gênero.

Entre os mestrandos uma percentagem elevada respondeu que pretende continuar estudando em cursos de doutorado (32% das mulheres e 29% dos homens). Talvez este aspecto possa ser explicado pela necessidade de maior qualificação para enfrentar um mercado de trabalho cada vez mais competitivo e pela necessidade da titulação de doutor para participar de concursos públicos nas universidades públicas.

No que se refere a planos para estudar em outra localidade (doutorado sanduíche), as expectativas são semelhantes entre homens e mulheres. Uma das percentagens mais elevadas encontra-se entre aqueles que afirmaram que “estão viabilizando” a realização dessa modalidade de bolsa de estudo, com percentagens quase iguais entre homens (44%) e mulheres (43%). A seguir estão os que gostariam de estudar através desta forma mas consideram que não é viável (30% das mulheres e 28% dos homens). As outras percentagens encontram-se entre os que afirmaram não ter intenção em viajar para outro local, não conhecem essa modalidade ou não responderam.

A procura de maior qualificação é hoje um grande diferencial na formação das novas gerações de cientistas, pois ela possibilita a aquisição de novas habilidades e a realização de estudos e estágios no exterior se constituem em elementos importantes para a acumulação do capital científico.

Considerações finais

Apesar dos condicionamentos sócio-culturais da sociedade, dos preconceitos de gênero e das disposições adquiridas (*habitus*), na linguagem bourdiana, as mulheres estão conquistado espaços importantes no campo científico e sua presença está em expansão em

diversas áreas do conhecimento tradicionalmente masculinas.

A pesquisa na UFRGS possibilitou conhecer a situação dos alunos de mestrado e doutorado segundo as diversas áreas do conhecimento científico, visibilizando quais são as profissões com maior índice de feminização (ciências humanas, saúde, biológicas, arte e letras). Entre estas foi aprofundado o caso da medicina, apresentando diversas informações sobre os médicos residentes, na perspectiva de gênero.

Ainda existem empecilhos para as mulheres que ampliam sua atuação no campo científico, verificando-se manifestações de preconceitos quanto a sua capacidade e competência principalmente em áreas de maioria masculina (engenharias, ciências exatas e da terra), embora a feminização de diversas carreiras universitárias seja uma realidade em expansão nos últimos anos no país. As mulheres passam a ocupar cada vez mais espaços que tradicionalmente eram reservados aos homens e isto reverte em melhores oportunidades no meio acadêmico.

Todos os dados da pesquisa indicam que, principalmente, nas novas gerações de pesquisadores, as relações de gênero tornam-se cada vez mais igualitárias. Foi salientado que, em nível nacional, a distribuição de bolsas de mestrado e doutorado para as mulheres está em processo acelerado de expansão, com uma diferença cada vez maior no número de mulheres bolsistas em relação aos bolsistas do sexo masculino, segundo informações da CAPES e do CNPq.

Na UFRGS os dados sobre os alunos de pós-graduação mostra que existe uma distribuição equitativa de bolsas entre ambos os gêneros (as mulheres não são maioria como nos dados para todo o país). Foi salientado também que no que se refere a bolsas de produtividade científica do CNPq, elas são mais direcionadas aos homens nesta instituição.

De modo geral, existe um investimento importante dos alunos de pós-graduação em atividades de pesquisa, produção científica e participação em eventos. Eles procuram obter melhor qualificação em nível de mestrado e doutorado, para impulsionar mais a sua carreira. O diploma de pós-graduação, além de propiciar a progressão funcional a aqueles já inseridos no mercado de trabalho, possibilita a ocupação de espaços de maior prestígio e oportunidades de obtenção de bolsas e verbas nos organismos financiadores de pesquisas científicas.

Finalmente, salienta-se aqui a importância de que as instituições que trabalham com estatísticas sobre a comunidade acadêmica divulguem indicadores de ciência e tecnologia com enfoque de gênero, pois é necessário dispor de dados distribuídos por sexo para poder identificar melhor as situações de discriminação e, ao mesmo tempo, propiciar um adequado embasamento à implementação de programas e ações direcionadas para as mulheres que

procuram desenvolver uma carreira no campo científico.

É necessário realizar novas pesquisas sobre a situação das egressas de cursos de mestrado e doutorado no país, dando seguimento ao tipo de trabalho realizado após a obtenção do título, focalizando, especialmente, a trajetória das mulheres que passam a desenvolver atividades científicas em áreas de maior predominância masculina. A visibilidade desse percurso é uma tarefa relevante para o desenvolvimento de uma maior equidade de gênero nas diversas profissões.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Neuma (org.). **Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres.** Rio de Janeiro: Record/ Rosa dos Tempos, 1997.

ALMEIDA, Marlise Míriam de Matos. Pierre Bourdieu e o gênero: possibilidades e críticas. **Série Estudos**, Rio de Janeiro, IUPERJ, n. 94, p.3-55, set.1997.

_____. Acerca da dominação masculina: de Bourdieu a Latour passando pelo Brasil, como resgatar dimensões mais plurais de análise para as relações de gênero. **IX Congresso Brasileiro de Sociologia**, Porto Alegre, 1999. p. 1-24. (mimeo)

AMANCIO, Lígia. **Masculino e feminino: a construção social da diferença.** Porto: Edições Afrontamento, 1994.

BATTHYÁNY, Karina. Estado, família, políticas sociais: quien se hace cargo de los cuidados y las responsabilidades familiares?. **Revista de Ciências Sociais.** Género y desigualdades sociales, Alain Touraine en la Universidad, Montevideo, n. 18, p. 83-96, set. 2000.

BERLINGUER, Giovanni. A concepção biológica da mulher: do preconceito à ciência. In: **Questões de vida. (Ética, ciência, saúde).** Salvador- São Paulo-Londrina: APCE/ Hucitec/ CEBES, 1993.

BONDER, Glória. **Las nuevas tecnologías de información y las mujeres: reflexiones necesarias.** Santiago de Chile: Editora de Naciones Unidas/CEPAL, serie Mujer y Desarrollo, n.39, jun.2002.

_____. Equidad de gênero en ciencia y tecnologia em América Latina: bases y proyecciones en la construcción de conocimientos, agendas e institucionalidades. In: REUNIÓN DE EXPERTOS SOBRE GÉNERO, CIENCIA Y TECNOLOGIA, Washington, OEA/CIM-GAB-UM, ago. 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia.** In: ORTIZ, Renato (org.). São Paulo: Ática, 1983.

_____. **O poder simbólico.** São Paulo: Difel, 1989.

_____. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico.** São Paulo: UNESP, 2004.

- BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. Médicas, arquitetas, advogadas e engenheiras: mulheres em carreiras profissionais de prestígio. **ESTUDOS FEMINISTAS**, Rio de Janeiro; Florianópolis, v.7, n. 1 e 2, p. 9-24, 1999.
- CARNEIRO, Mauro B.; GOUVEIA, Valdiney V. **O médico e o seu trabalho**: aspectos metodológicos e resultados do Brasil. Brasília: Conselho Federal de Medicina, 2004.
- CARVALHO, Marília G. de; TAMANINI, Marlene (orgs.) **Diversidade cultural, gênero y tecnologia**: un abordaje interdisciplinario. Curitiba: Ed. UTFPR, 2006.
- DURAN, Maria-Angeles. Uso del tiempo y trabajo no remunerado. **Revista de Ciências Sociais**. Género y desigualdades sociales, Alain Touraine en la Universidad. Montevideo, n. 18, p. 56-70, sep. 2000.
- ESTÉBANEZ, Maria Elina. **As mulheres na ciência regional: diagnóstico e estratégias para a igualdade**. Disponível em: www.centroredes.org.ar. Acesso em: 11 nov. 2005.
- FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. Núcleo de Opinião Pública. **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www.fpabramo.org.br/nop/nop.htm>>. Acesso em: 22 de maio de 2002.
- GALIZA, Mariana. **Mulheres na pesquisa**: uma realidade. Assessoria de Imprensa do CNPq. Disponível em: <http://www.cnpq.br/noticias/2005/080305.htm>. Acesso em: 13 jun. 2006.
- HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE. **HCPA**. Disponível em: <<http://www.hcpa.ufrgs.br>>. Acesso em: maio 2008.
- LINS, Daniel (Org.) **A dominação masculina revisitada**. São Paulo: Papyrus, 1998.
- LETA, Jacqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.17, n.49, 2003.
- LUDWIG, Paulo. Brasil figura pela primeira vez na lista dos melhores países do mundo onde se desenvolvem estudos. Disponível em: <http://processocom.wordpress.com/2008/04/17/aqui-e-bom-de-se-fazer-pesquisa/>. Acesso em: 17 abr. 2008.
- MACHADO, Maria Helena. (Coord.) **Os médicos no Brasil**: um retrato da realidade. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1997.
- MICHEL, Andrée. Aspectos cuantitativos de la producción doméstica no mercantil: el tiempo gastado. In: MICHEL, Andrée (org.). **La mujer en la sociedade mercantil**. México: Siglo XXI, 1980. p.121-146.
- MELO, Hildete P. de; LASTRES, Helena M. M. **Mulher, ciência e tecnologia no Brasil**. Proyecto Iberoamericano de ciência tecnologia y gênero – GENTEC - OEI/UNESCO, Relatório 2004.
- MELO, Hildete P. de; OLIVEIRA, André B. A produção científica brasileira no feminino. **CADERNOS PAGU**, Campinas, n° 27, jul-dez 2006.
- MONTECINO, Sonia; OBACH, Alexandra (orgs.). **Gênero y epistemologia**: mujeres y disciplinas. Santiago de Chile: LOM, 1999.
- PASQUALINI, Christiane D. La mujer em el mundo de la **investigación** científica. In: KOHEN, Beatriz (org.). **De mujeres y profesiones**. Buenos Aires: Letra Buena, 1994.
- PENSANDO GÊNERO E CIÊNCIAS**. Encontro Nacional de Núcleos e Grupos de Pesquisas. Presidência da República. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006. 104p.

PERFIL DO MÉDICO. São Paulo: CREMESP, 2007. Disponível em: http://www.cremesp.org.br/library/modulos/centro_de_dados/arquivos/perfil_medico.pdf. Acesso em: 22. maio. 2008.

PERFIL E REPRESENTAÇÕES dos estudantes de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: relatório final/ HENNEMANN, José Carlos F.; GRAZIA, Jocelia; SILVA, Lia T. (orgs.). Porto Alegre: Pró-Reitoria Adjunta de Pós-Graduação/UFRGS, 2003.

POLCUCH, Ernesto F. **Solo um tercio de los investigadores científicos y tecnológicos del mundo son mujeres.** Disponível em: <http://www.acac.org.co/home/noticias.shtml?x=700785> Acesso em: 15 abr. 2008.

ROCHA, Cristina T. da Costa. Gênero en acción: rompiendo el “tejado de vidrio” ... surgiendo nuevas identidades?. In: CARVALHO, Marília G. de; TAMANINI, Marlene (orgs.) **Diversidade cultural, gênero y tecnologia: um abordaje interdisciplinario.** Curitiba: Ed. UTFPR, 2006.

SANTOS, Tania Steren dos. Da neutralidade ao compromisso: a construção do conhecimento científico na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia.** Metodologias de Pesquisa, Porto Alegre, v.3, n.3, p.33-53, 1991.

_____. **Carreira profissional e gênero: a trajetória de homens e mulheres na Medicina,** RS. 2002. 302p. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SILVA, Lea M., TOSI da; L., DERZI; M. A.M. A trajetória da mulher na Universidade Federal de Minas Gerais. **Cadernos do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher.** Belo Horizonte, UFMG nº4, p.1-48. 1987.

TABAK, Fanny. **O laboratório de Pandora: estudos sobre a ciência no feminino.** Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

TARRACH, Rolf. **Investigación científica desde la perspectiva de gênero.** Disponível em: http://en.scientificcommons.org/rolf_tarrach. Acesso em: 22 dez. 2003.

THE HELSINKI Group on Women and Science. Comissão Européia. Disponível em: <http://ec.europa.eu/research/science-society/index.cfm?fuseaction=public.topic&id=27>. Acesso em: 19 maio. 2008.

TOSI, Lucía. A ciência & mulher. **Revista Ciência Hoje,** São Paulo, v. 13, n. 75, p. 27-32, ago.1991.

TRIGO, Maria Helena Bueno. A mulher universitária: códigos de sociabilidade e relações de gênero. In: BRUSCHINI, Cristina e SORJ, Bila (orgs.). **Novos Olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil.** São Paulo: Marco Zero/ Fundação Carlos Chagas, 1999.

ZULAUF, Monika. Ensino superior e desenvolvimento de habilidades para a empregabilidade: explorando a visão dos estudantes. **Sociologias.** Sociedade e políticas públicas, Porto Alegre, ano 8, n.16, p.126-155, jul./dez. 2006.